

EXPRESSÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES DOS/AS ESTUDANTES DO 1º ANO ELETROMECAÂNICA DA ESCOLA FRANCISCA NEILYTA

Rosângela Bôto¹; Rosângela Pimenta²

¹Estudante do Curso de Pós-Graduação Profsocio – CCH – UVA; E-mail: rosangelabotto@gmail.com, ²Docente do Depto de Ciências Humanas – CCH – UVA. E-mail: rosangelapimentinha@gmail.com

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender as questões de gênero e sexualidades experienciadas pelos/as estudantes do 1º ano do ensino médio do curso de eletromecânica, oferecido por uma escola profissionalizante, situada na cidade de Massapê-Ce. Será realizada pesquisa qualitativa, exploratória, mediante entrevistas semiestruturadas, com uso de gravador e diário de campo. Em fase de andamento, a pesquisa já oferece um campo vasto de investigação e de possibilidades de pensar o fazer pesquisa em um espaço de atuação familiar.

Palavras-chave: gênero, sexualidades, escola

INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão acontece na Escola Profissional Francisca Neilyta, situada em Massapê, Ceará, com estudantes do 1º ano do curso técnico em eletromecânica. Escolhi esta turma pela possibilidade de acompanhá-la por mais tempo. Este curso é majoritariamente masculino. De um total de 45 estudantes, 10 são mulheres e os demais são homens, tendo eles/as se autodeclarado heterossexuais e homossexuais. Percebendo as relações de poder inerentes às questões de gênero e sexualidade entre eles/as, me proponho a analisar e compreender como meus interlocutores expressam sua identidade de gênero e sexualidades no ambiente escolar. Escolhi esse tema devido a experiências pessoais de opressão e discriminação no trabalho dada a minha condição de mulher, pelas queixas corriqueiras de estudantes envolvendo tais práticas e pelos recentes indicadores de violência de gênero: em 2016, ocorreram, em média, 11 estupros por minuto e 10 estupros coletivos por dia, a cada 2 segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal, agressões, assédios, estupros, espancamentos, relações abusivas e

o mais estarrecedor: 8 feminicídios por dia no Brasil por sua condição de gênero. Foi então que senti a urgência de pôr em relevo esta situação. Numa discussão mais ampla é importante observar que a violência de gênero sofrida cotidianamente por mulheres assombra nosso país. Estes fatos não podem ficar silenciados num espaço como a escola que deve fomentar o debate e a reflexão, apesar de ser constantemente convocada a reafirmar seu papel opressor e normatizador, nos sentidos empregados por Foucault (1977). Diante deste cenário é necessário e preminente discutir estas e outras questões para que se possibilite pensar as mudanças e permanências e os possíveis caminhos que viabilizem reconhecer a diversidade que transita no ambiente escolar.

MATERIAL E METODOLOGIA

Realização de pesquisa qualitativa e uso de entrevistas semiestruturadas, gravador e diário de campo, para então chegar aos objetivos da pesquisa. A escolha do método qualitativo, com perguntas orientadas, se deu por me permitir uma análise mais minuciosa e aprofundada das linguagens faladas ou não dos/das envolvidos(as) na pesquisa. Considerando que faço parte do campo empírico, a pesquisa pode ser desafiadora e passível de ser problematizada. Neste momento, tal questão tem me trazido inquietudes as quais encaro, por outro lado, como válidas e pertinentes para a minha pesquisa. Esta interação pode ser vista como uma forma de organizar, sistematizar, mas também recriar a pesquisa, pois será no decorrer desse jogo de afetos em movimento que o campo e a pesquisa se realizarão. Reconheço que essa aproximação poderá dificultar o estranhamento. Todavia, como sugere Whyte (2005), a imersão tem seu limite, tanto o pesquisador quanto o campo irão delimitando. Assim sendo, estes foram os caminhos iniciais que escolhi para colher aquilo que seria indispensável para dar cor à pesquisa preterida. Ponho-me desta forma, flexível e aberta ao campo e aos atores envolvidos na pesquisa, considerando as colocações de (BOURDIEU, 2002. P. 26): “(...) a pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina – e das disciplinas vizinhas: etnologia, economia, história”. Estar atenta às possibilidades que

surgirem para se alcançar o que há de mais interior nas falas e ações dos interlocutores. Ou seja, nos sentidos e significados que os/as alunos(as) atribuem às suas ações, no mundo de significações que estes/estas têm de si mesmos e dos/as outros/as, dos contextos em que estão inseridos/as, claro, sempre respeitando o mundo de cada um/uma e considerando minhas próprias limitações e os limites éticos, não podem ser negligenciadas à suspeita de uma validade metodológica pouco ou nunca praticada.

RESULTADOS E PROBLEMATIZAÇÃO

O termo *gênero*, em diferentes tempos históricos, foi empregado em sentidos variados. Porém, uma questão comum impera em seu uso: seu emprego esteve vinculado ao sexo biológico. A língua, como um recurso representativo dessa questão, ao definir gramaticalmente o uso do referido termo associando-o ao sexo biológico, reforça o caráter definidor de papéis sociais e torna-se uma ferramenta reprodutivista de práticas sociais e de produção de comportamentos padronizados e normatizados. Classificações como: “masculino”, “feminino” e, em algumas sociedades, “indefinido” revelam, ao mesmo tempo em que produzem e reproduzem, uma gama de significações que serve como pano de fundo para determinar consciências e condutas baseadas num sistema de classificações que parece ter sido socialmente acordadas. Recentemente o uso do termo “gênero” passou a indicar uma rejeição ao determinismo biológico, passando a ser compreendido por um caráter social e histórico de diferenciação. O esforço em pôr em debate os usos e significações do que constituiu em cada tempo histórico o termo *gênero*, bem como, sugerir novas abordagens e interpretações acerca do termo e do que a ele se liga, “implica não só em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história” (SCOTT, 1989, p. 4). Ainda nessa discussão que vem sendo tecida, Joan Scott considera fundamental para o entendimento e posterior elaboração da categoria de gênero que seja capaz de dar conta do emaranhado de sistemas sociais, econômicos, políticos ou de poder que nele está imbricado, daquilo que nele e a partir dele movimenta-se, constrói, recria-se, “ dar certa atenção aos sistemas de significados, isto é, às maneiras como as sociedades representam o gênero, o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência” (SCOTT, 1989, p. 15). A linguagem, em seu sentido mais amplo, é um meio eficaz de acessar a

ordem simbólica. É pelas maneiras que uma dada sociedade representa o gênero e a utiliza para produzir e impor regras de relações sociais e de poder, que se possibilita a construção da identidade de gênero. Michel Foucault, em seus estudos sobre a história da sexualidade, percorreu caminhos semelhantes ao indicar que, especialmente a partir do século XIX, novos mecanismos de poder foram produzidos e incidiram diretamente sobre o corpo, através do dispositivo da sexualidade. Sugere que para se compreender tais relações de poder é necessário investigar como e de que maneiras os sistemas de normatização e repressão investiram padrões de comportamento, de conduta, de moral e de “verdades” sobre os sujeitos ao mesmo tempo em que instigavam a vontade de desejar aquilo que era proibido. (FOUCAULT, 1999). Assim sendo, a sociedade elabora e reforça sistemas de repressão e de ajustamentos que possibilitam um elo entre a identidade sexual coletiva, esta que é produzida em conformidade com os anseios da sociedade, e a identidade do sujeito, esta que pressupõe uma subjetividade, alimentando uma dependência a tais mecanismos de repressão. Então, sendo as categorias “homem” e “mulher” uma construção social, podemos compreender que suas identidades não são fixas e estão submetidas a processos, o que poderá provocar nos sujeitos uma permanente reformulação de si mesmos e/ou negação do que lhes é imposto. Assim sendo, Scott sugere que o gênero seja compreendido como uma categoria de análise que abrange aspectos sociais, políticos, religiosos, históricos, mas também, simbólicos, cuja significação e utilização possibilitam, sustentam e legitimam reciprocamente relações de poder, hierarquização e segregação. Propõe ainda que os estudos sobre o gênero devam partir da compreensão de como todo esse contexto de interação entre poder e gênero é possível, como ocorrem as mudanças ou mesmo as permanências e a atualização desses modelos que estão postos e são impostos como únicas e possíveis possibilidades de existência. Numa relação de consonância com os posicionamentos anteriormente pontuados, Louro (1999) em seus estudos sobre a temática em discussão neste trabalho, deixa em evidência a sexualidade e o gênero como constructos sociais, uma vez que, a própria sociedade precisa inculcar de forma consciente ou não, muitas vezes de formas sutis, outras vezes explicitamente, regras, valores e condutas que se constituem como “aquilo que é normal”, naturalizando-os. Assim, nos é

permitido pensar que nossas percepções, nossas visões de mundo, nossa compreensão sobre nós mesmos, nossas crenças, identidade e comportamentos sexuais são permanentemente elaborados e moldados no interior das relações de poder que estabelecemos, sempre ditando a forma correta, de ser, de agir, de pensar e desejar afetiva e sexualmente os demais sujeitos. Neste cenário tão delicado, recente e complexo, Guacira Lopes Louro levanta questões acerca de como pode ser a escola e o professor/a nesses novos contextos. Cabe a pergunta se estamos percebendo as mudanças e se nós professores estamos preparados ou mesmo dispostos a nos reinventar e também as nossas metodologias de ensino. Quais os limites da nossa atuação quando o assunto é gênero e sexualidade? Até onde podemos ir quando se trata de adentrar um universo tão particular, que é tão sensível para os/as estudantes, quanto o é também para o/a professor/a e para a escola? A escola em que ocorre a pesquisa está situada em uma cidade chamada Massapê, localizada no interior do Ceará e oferece cinco cursos profissionalizantes. Dentre eles, o curso técnico em eletromecânica. Este curso é formado predominantemente por homens, cujo mercado de trabalho é também dominado por homens e tem uma característica que me chama a atenção em relação aos demais cursos: o fato de haver mulheres em um contexto marcadamente masculino. Tenho interesse em investigar como se dá a interação entre os estudantes desta turma, o que significa estudar em uma sala de aula onde há a predominância masculina, que estratégias elas elaboram no cotidiano da escola para serem reconhecidas ou não, como dialogam as diferenças existentes neste ambiente de maneira a influenciar outros/as estudantes a se “revelarem” aos poucos como homossexuais, que outros elementos culturais, religiosos, sociais, de classe interferem em suas maneiras de lidar com o corpo, com os afetos e com a sexualidade, como essas questões são tratadas pelos demais, qual o significado que a escola tem para eles/elas no mundo simbólico que estão construindo. Enfim, há uma rede de sociabilidade muito viva que possibilita um jogo de afetos, sentimentos, desejos etc. e que dão cor às relações que ali vão se criando e recriando, propiciando a construção de um campo rico de investigação social podendo, com isso, contribuir para pensarmos o homem e a mulher como produtos da sociedade em que vivem ao mesmo tempo em que se reinventam a partir das diversas relações que experimentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ainda encontra-se na fase exploratória, mas já aponta algumas reflexões teórico-práticas no que tange à possibilidade de uma intervenção pedagógica na escola: a primeira delas diz respeito à instituição escolar que historicamente (re)produz e impõe o discurso heteronormativo, rejeitando a diversidade como parte integrante e importante que constitui, opera e modifica este espaço, podendo se apresentar como um desafio a algumas intervenções que venham a ser aplicadas durante a pesquisa e *a posteriori*. A segunda questão está, contudo, em parte, ligada a primeira e diz respeito à disposição em nos rever como seres que sentem, pensam, desejam e que nós professores precisamos alimentar ou retomar para que se construa uma prática pedagógica relevante e sensível. Dito isso é imprescindível pôr em relevo a importância do debate sobre a problemática aqui levantada e sobre os desafios do campo da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que me possibilitaram estar neste mestrado e, em especial, a minha orientadora, professora doutora, Rosângela Pimenta pela rica contribuição e paciência.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002;
- FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de esquina (Street Corner Society): a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005;
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Tradução de Raquel Ramallete. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1977;
- _____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999;
- LOURO, Guacira L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. por Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000;
- _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pósestruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997;
- MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**. Tradução de Maria do Carmo Alves Bonfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005;

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, 1995.